

EDUCAÇÃO FORMATIVA E INCLUSIVA: CONVIVENDO COM AS DIFERENÇAS, REDUZINDO AS EXCLUSÕES

Rosemary Zillig Chile ¹, *Sheilla Andrade de Souza*  ²

Resumo

Existem pessoas que consideram as diferenças como realidades da vida diante das características inerentes que resultam em preferências, aversões e reflexões em prol de uma sociedade mais inclusiva e menos seletiva. Há outras, que se sentem invisíveis, aguardam valorização de cultura, raça, credo, etnia, cor da pele, nível social, idade e patologias, características estas que foram herdadas durante seus trajetos. Também existe quem não reconheça as diversidades, não as toleram, menosprezam e depreciam intencionalmente. Foi assim, observando durante alguns anos nos âmbitos acadêmico, profissional e filantrópico, que este artigo foi sendo idealizado e agora documentado. Para isto, foram selecionadas palavras-chave, através de buscas exploratórias, descriptivas e explicativas em repositórios de bancos de dados acadêmicos, com variedade de autorias e considerável credibilidade científica. Os resultados evidenciaram inúmeros estudos sobre o assunto, solicitando maior visibilidade e intervenções práticas gerando critérios que resultem em maior humanização. Desta forma, percebendo as áreas da educação e docência como sendo as portas formativas de ingresso às áreas do conhecimento, chaves libertadoras que são, têm potencial para ressaltar a importância da inclusão e das diversidades no caminho da equidade e amenizando as exclusões, principalmente intencionais. Objetiva-se no futuro, enriquecer o estudo com pesquisas de campo; definindo coletas de dados, técnicas e análises; observando e estudando ocorrências; contextualizando situações-problema, contribuindo com metodologias ativas adequadas, soluções efetivas e resultados mais consistentes.

Palavras-chave: Diversidade; Direitos humanos; Formação docente; Inclusão e Exclusão.

FORMATIVE AND INCLUSIVE EDUCATION: LIVING WITH DIFFERENCES, REDUCING EXCLUSIONS

Abstract

There are people who consider differences as realities of life in view of the inherent characteristics that result in preferences, aversions and reflections in favor of a more inclusive and less selective society. There are others who feel

¹Especialista em Docência para EPT, Pós-graduanda em Docência em Educação Inclusiva e Especial (IFMG).

²Doutora; Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG).



invisible and await the appreciation of culture, race, creed, ethnicity, skin color, social status, age and pathologies, characteristics that were inherited during their paths. There are also those who do not recognize diversity, do not tolerate it, and intentionally despise and deprecate it. It was thus, by observing for some years in the academic, professional and philanthropic spheres, that this article was conceived and now documented. For this, keywords were selected through exploratory, descriptive, and explanatory searches in academic database repositories, with a variety of authors and considerable scientific credibility. The results highlighted numerous studies on the subject, calling for greater visibility and practical interventions, generating criteria that result in greater humanization. Thus, perceiving the areas of education and teaching as formative gateways to areas of knowledge, liberating keys that they are, has the potential to highlight the importance of inclusion and diversity on the path to equity and alleviating exclusions, especially intentional ones. In the future, the aim is to enrich the study with field research; defining data collection, techniques, and analyses; observing and studying occurrences; contextualizing problem situations, contributing with appropriate active methodologies, effective solutions, and more consistent results.

Keywords: Diversity; Human rights; Teacher training; Inclusion and Exclusion.

1 Introdução

Participando, durante alguns anos, de algumas atividades acadêmicas, laborais e filantrópicas nas áreas das ciências humanas e da saúde, foi possível observar com maior atenção a presença de diferentes tipos de vivências, destacando alguns aspectos individuais e coletivos que geraram reflexões sobre a importância de uma abordagem mais inclusiva em relação às diversidades existentes. Sendo que no segundo semestre de 2017, enquanto discente de curso em universidade estadual, com variedade de faixas etárias, gêneros, culturas, etnias e credos, foi solicitada uma atividade didática interdisciplinar em grupo, com a proposta obrigatória de explorar, analisar e apresentar ocorrências que ressaltassem as diferenças que os respectivos componentes do grupo já tivessem tido contato.

Foram necessários somente alguns dias de interações para que várias situações-problema fossem enumeradas pelas equipes, ressaltando a não-aceitação para realizar as atividades devido às diferenças envolvidas e um intenso comportamento aversivo iniciou-se rapidamente, expandindo-se. Mesmo que sem motivos consistentes e significativos, ocorreu a divisão da turma e respectivo desmembramento do grupo minoritário de pessoas comprometidas que compreendiam a relevância da atividade e respectiva abordagem dos temas.

As atividades foram suspensas, substituídas pela coordenação do curso com o desenvolvimento de outras temáticas, sendo que a maioria dos discentes posicionaram-se nas escolhas de suas preferências, relegando ao bom senso e



lógica a declinação do poder de escolhas, colaborando assim para o desenvolvimento de outras ações inclusivas.

Este episódio gerou a insatisfação e melindres de alguns colegas de turma sentindo-se excluídos fazendo com que algumas pessoas questionassem as alterações e a capacidade avaliativa das atividades que foram substituídas diante dos diversos níveis de ensino e áreas do conhecimento. Foi possível constatar uma situação que demonstra ser recorrente em vários contextos da vida comum em sociedade, que é a intolerância às diversidades.

Embora, a área da educação demonstre ter a facilidade de ser a porta de entrada de vários comportamentos e realidades diante do trajeto percorrido pelas pessoas em seus projetos de vida, aspectos familiares e profissionais, há que se analisar como agir adequadamente para que exista uma postura democrática, inclusiva, tolerante e empática, conscientizando e gerando uma convivência respeitosa, sem que padronizações sobre o que se acredita ser aceitável em relação aos padrões de normalidade, sejam impostos e possam influenciar de forma excludente, quem não se enquadre nestas diretrizes.

A destoar destas características, alguns públicos têm sido ignorados em detrimento das particularidades simpatizantes que representam, mesmo diante de competências, habilidades e realizações que estejam produzindo no convívio social. Existe até, em alguns momentos, ações de subjugação proposital por destoarem de um padrão predeterminado a ser seguido como dominante, instituído em alguns círculos sociais como sendo a única ação mandatória a compactuar.

A heterogeneidade é um fato? Não seria mais correto perceber com naturalidade as diferentes formas de expressão, suas características e preferências, buscando uma transformação inclusiva nas práticas intervencionistas? Sendo possível, talvez, evitar exclusões que definam como verdades soberanas alguns pontos de vista, simpatias e antipatias que possam impor práticas de cerceamentos e interpretações infundadas?

Existem, em alguns casos, uma triste realidade paralela de isolamento e até exclusão intencional, protagonizadas por pessoas que são rotuladas pelos atributos diferenciais que possuem, como na área da educação especial, que muitos têm vivido por décadas sob os mantos da invisibilidade. E intensificando os questionamentos e a compreensão nos campos efetivos e colaborativos, não seria mais coerente posicionamentos que busquem ações reais, questionando sobre quais são as práticas formativas dos docentes que impactam a inclusão e a redução da exclusão no ambiente escolar?

Há muito o que propor, fazer e avançar em relação às tratativas, argumentos e ideias que possam gerar conscientização, amenizando aversões, evitando posturas e até consequências mais graves que afetem o bom convívio social. É pelos agravantes de alguns desafios aqui mencionados, presentes em algumas citações referenciadas e com poucas ações intervencionistas que levem de fato às soluções de não-conformidades, que busca-se a promoção da empatia, tolerância, respeito e diretrizes conscientizadoras, ao invés da desistência de análises de condutas depreciativas e embasamentos limitantes, sendo



necessárias e urgentes iniciativas mais agregadoras.

Como exemplo, menciona-se uma situação vivenciada na UNESP (2012, p. 110), na disciplina de Educação Física realizada na escola, onde diante das diversidades existentes, percebeu-se que não é mais possível pensar em uma única forma de Educação Física, mas estar atentos às diferenças, identificando-as, reconhecendo-as e contemplando-as no sentido de saber lidar com elas, ao invés de ignorá-las ou até depreciá-las.

Há parâmetros que podem ser utilizados para selecionar e nivelar presença e ausência de habilidades, mais ou menos potentes, objetivando aperfeiçoamentos possíveis, ao invés de categorizar quais atributos sejam os mais aceitáveis para serem destacados como predominantes, relegando aos demais como possíveis de serem ignorados.

Isto tem acontecido, algumas vezes, diante de observações direcionadas às pessoas devido aos seus aspectos físicos, intelectuais, psicológicos, socioemocionais, entre outros. Características estas, muitas vezes relacionadas às raças, credos, etnias e culturas, com comentários e condutas em diferentes ênfases de negatividade, mesmo que sejam **somente**, em alguns casos e contextos, mas que geram consequências bem desagradáveis para estes públicos.

É preciso criar ações em prol do respeito à liberdade de ser, agir, pensar, saber, conhecer, aprender e conviver, principalmente avançando em relação aos diálogos responsáveis sobre a multiplicidade de episódios que têm sido pautas de frequentes posicionamentos relacionados às diferenças pessoais, com o devido cuidado, propondo ações cada vez mais ativas para colaborar e garantir condutas, com posturas inclusivas e ascendentes.

2 Referencial Teórico

As pessoas de certo modo, acabam sendo educadoras umas das outras, pelo compartilhamento de saberes e vivências sugerindo que se aprende e ensina o tempo todo, influenciando e sendo influenciados. E mesmo que algumas destas pessoas não estejam dentro dos parâmetros pré-definidos como ideais, até sendo por isso isoladas/canceladas/ignoradas/desprezadas por quem se julga em supremacia, não é correta uma exclusão diante das percepções de posturas que possam ser consideradas ameaçadoras para um único contexto possível a pertencer.

Para melhor compreensão apresentam-se algumas interpretações sobre a palavra diversidade citadas por Ferreira (2016, p. 307,308), direcionadas aos seres humanos, como sendo a igualdade diante do aspecto que diz respeito à humanidade (condição humana), e à diferença que caracteriza os seres humanos como seres históricos, sociais e determinados pela cultura à que são inseridos ao nascer e viver. Ele ale, que a palavra diversidade sempre se refere a pessoas ou grupos sociais que são considerados diferentes do que aquilo que passa a ser



naturalizado nas relações sociais, sendo que, em algumas regiões geográficas é esta a imagem que prevalece.

Acrescenta-se no Quadro 1, algumas outras definições e características sobre a palavra diversidade, como resultados das pesquisas exploratórias realizadas por Ferreira (2016), demonstrando claramente, até no conceito da palavra diversidade, que existem diferenças interpretativas, embora válidas, diante das possibilidades de flexibilidades e direcionamentos.

Quadro 1 - Conceituando Diversidade.

Quem não se encaixa nessa referência padrão ganha uma marca identitária, carregada durante a vida; a menos que as condições socioeconômicas e culturais mudem, essa marca é perpetuada como um rótulo depreciativo (Silva, 2000).

Como conceito, a diversidade se insere, necessariamente, na paisagem das relações desiguais de poder entre indivíduos e grupos sociais porque sempre diz respeito àquelas pessoas que se tornam vulneráveis à experiência de exclusão, caracterizada pela ausência de oportunidades e chances na vida, na escola e no mercado de trabalho, entre outras, como resultado das condições socioeconômicas e culturais dentro das quais nascem e tendem a viver: um “ciclo de pobreza” (Oxfam, 1999).

A luta social e política está na base do conceito de diversidade. Se no passado havia uma clara divisão entre os grupos sociais privilegiados e aqueles sem privilégios, hoje essa divisão encontra-se cada vez mais tênue, porque os indivíduos que se identificam – em suas diferenças – com seus pares, reconhecem experiências semelhantes, organizam-se enquanto grupo social e lutam pelo reconhecimento de seus direitos. O popular passa a ser referência cultural (Hall, 1997).

O conceito de diversidade humana está intrinsecamente ligado ao conceito de inclusão – social, econômica, educacional e outras, porque ambos são conceitos comprometidos com os direitos humanos daquelas pessoas que, por razões distintas, vivem em constante risco de exclusão e de serem mantidas no contínuo ciclo de pobreza, que se caracteriza como um aprisionamento de suas vidas e possibilidades de desenvolvimento humano (Ferreira, 2005).

Fonte: Chile (2024), adaptação de citações dos autores acima mencionados *apud* Ferreira (2016).

O respeito e o reconhecimento natural das diferenças, tanto no espaço educacional quanto em quaisquer outras áreas e esferas da sociedade, solicitam a convivência cordial com todas as pessoas, independente do âmbito comportamental devido aos posicionamentos e preferências individuais ou coletivas. A vida por si só, garante (ou ao menos deveria) o direito natural de coexistência, sendo os sujeitos partícipes de processos interativos promovidos pelas próprias diversidades de que permeiam para a construção de uma sociedade harmônica e que objetive o bem comum (Kamel; Pimenta, 2008, p. 07,26).

Seria fácil deduzir que uma sociedade inclusiva remete à mensagem de que aceita as diferenças individuais, valorizando-as, portanto, mas seria esta



afirmação uma realidade de fato? Fábio Adiron, pai de duas crianças (uma com Síndrome de Down); membro da Comissão Executiva do Fórum Permanente de Educação Inclusiva e Coordenador do Centro de Estudos Multidisciplinar pró-Inclusão e do grupo de estudos Projeto Roma Brasil; integrante da Federação Brasileira de Associações de Síndrome de Down (*apud* Licht; Silveira, 2010, p. 68,69) esclarece que as ações de inclusão e integração, embora sejam palavras que tenham significados bem próximos na área social, possuem filosofias diferentes que necessitam ser integradas com apoios estrutural e processual efetivos das instituições.

Também para Adiron, a palavra “incluir”, que deriva do latim *includere*, ao ser procurada no dicionário apresenta vários significados, como abranger, inserir, conter em si, fazer parte, pertencer juntamente com outros, mas não há nenhuma informação sobre a necessidade dos sujeitos, ao serem incluídos, **precisarem ser semelhantes àqueles com quem se agregaram**.

A Unesco (2019, p. 13,35), acredita também, que **todos** os professores, dentro de um sistema inclusivo de ensino, necessitam realizar a abordagem da diversidade presente entre os estudantes com um olhar otimista e com entendimentos de práticas inclusivas, sendo possível conquistar a maior parte da preparação formativa de que precisam em relação à inclusão, durante sua própria formação inicial e continuada. Destaca também, os valores que sustentam a competência dos professores no desenvolvimento e manutenção das práticas inclusivas: diferenças são recursos e bens para a adição, valorizando assim as diversidades; deve-se apoiar as conquistas dos alunos; trabalhar colaborativamente em equipes, tanto entre professores, quanto entre alunos, gerando incentivo ao desenvolvimento pessoal e profissional contínuos, como responsabilidade para sua própria aprendizagem durante a vida.

O ambiente educacional é um ambiente repleto de diversidades e essa diversidade não é somente entre alunos, mas também entre os educadores e toda a comunidade escolar. É fundamental que o docente seja capaz de lidar profissionalmente com a diversidade, uma vez que a inclusão precisa ser exercida principalmente em âmbito educacional. A discussão sobre diferentes culturas é enriquecedora e traz inúmeros benefícios para a aprendizagem.

Muitas vezes, os educadores se deparam com situações nas quais encontram dificuldades no agir. Sabemos que cada vez mais os alunos chegam nas escolas com uma bagagem ampla de conhecimentos, assim como atitudes inadequadas e muitas vezes preconceituosas. De fato, quanto antes se der o início do trabalho dessa temática nas escolas, o processo de valorização e ressignificação se expandirá mais facilmente, podendo evitar atos preconceituosos (Camargos; Muniz, 2021, p. 6).

Complexo e abrangente para alguns, o conceito de inclusão recebe uma variação pela UNESCO (2019), que editou um documento alicerçando a inclusão



em quatro referenciais: ela é um processo; diz respeito à identificação e remoção de barreiras (de aprendizagem e físicas); refere-se à presença, participação e ao sucesso de todos e centra-se nas pessoas em risco de marginalização, exclusão ou insucesso. Talvez, ao enxergar as diferenças individuais, não como problemas a serem resolvidos, mas como oportunidades para democratizar e enriquecer a aprendizagem, elas possam atuar como catalizadoras para a inovação, podendo beneficiar todos os estudantes, quaisquer que sejam suas características pessoais e circunstâncias domésticas, sendo uma maneira de desenvolver inclusão e equidade.

No caso da Agência Nacional de Saúde suplementar (ANS), busca por um ambiente que tenha como norte o respeito às diferenças e à inclusão social, com a expectativa de que a população seja multiplicadora de conceitos e atitudes, conscientizando sobre estes assuntos, como também combatendo toda forma de discriminação.

A Inclusão é uma questão de mudança de perspectiva para uma mentalidade mais empática. É se importar com o outro, mesmo que ele seja diferente de você. É se abrir para aprender com um profissional com experiências completamente diferentes da sua e desfrutar da ampliação de horizontes que eles podem oferecer. Sendo assim, não bastam ações de combate à discriminação, é preciso ir além. A sociedade, o setor público, todos nós precisamos de ações afirmativas que digam sim à diversidade, por meio de práticas que supõem inclusão e gestão da diversidade. Por que a diversidade é importante? Ela pode promover a igualdade de oportunidades e a justiça social; ela nos permite aprender com pessoas diferentes e ampliar nossa visão de mundo; ela enriquece a nossa cultura e nos torna mais criativos e inovadores (ANS, 2023).

Para Licht e Silveira, (2010, p. 70,71) a escola inclusiva é um local que abala a ideia de que se deve manter ligações cognitivas entre o currículo e os alunos, esperando que possam adquirir autonomia para resoluções de situações cotidianas, podendo escolher e vivenciar respectivas oportunidades que venham a surgir. Estas autoras percebem que estas oportunidades, até podem ser fornecidas, mas deve existir uma proposta de ação conjunta ativa em relação à participação das pessoas com deficiência.

Elas ressaltam também, que uma possível cultura da diversidade irá colaborar no futuro para que existam escolas que promovam a qualidade, tanto em estrutura e didática, quanto na atuação dos profissionais envolvidos, que terão que aprender **a ensinar a aprender**, inspirando novos comportamentos, tipos de interações e uma nova maneira de educar priorizando, o respeito à diversidade.

O Guia ANS (2023) de Diversidade e Inclusão, possui várias contribuições no campo das diferenças, como o racismo estrutural que tem se



mostrado uma realidade cotidiana, com denúncias de posturas racistas que ganham cada vez mais visibilidade. Estas ações têm promovido o racismo institucional que ocorre em vários setores das organizações públicas e privadas, multiplicando desigualdades, assédios e até exclusões intencionais.

Caixeta, jornalista do Correio Braziliense (2022, apud ANS, 2023, p. 10,24,32,35) explica mais sobre este assunto através de uma postagem ressaltando a iniciativa esclarecedora de Fernanda Barros, Doutora em Ciências Políticas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através de um seminário online de quatro horas e dez minutos, disponibilizado no Canal Relações Étnico-Raciais do YouTube, apresentando um ótimo recurso didático esclarecedor, disponível para acesso no link <https://www.youtube.com/watch?v=N64OnPqVIj4> com o intuito debater e propagar conscientizações.

Existe espaço, em consideráveis proporções, para que todos possam conviver pacificamente entre semelhanças e divergências, e não seria prudente avaliar o conteúdo de um único produto somente pela embalagem, mas tentar conhecer suas características intrínsecas e extrínsecas entre os demais, evitando comparações, visualizando seus aspectos como naturais e resultantes das demais aquisições recebidas.

Seria ótimo perceber e respeitar nas outras pessoas suas capacidades, seu modo de ser, seu próprio espaço, gerando um relacionamento saudável, transmutando as próprias opiniões compreendendo anseios, encontrando motivos e práticas para reestruturar perspectivas com amplitude coletiva, cientes das divergências existentes, sendo assimiladas com empatia e bom senso, como se deseja para si mesmos, situação esta que ainda não ocorre com facilidade.

Neste raciocínio poder-se-ia pensar que, sendo a área da educação um dos caminhos mais cedo a ser percorrido para se aproximar, familiarizar e apropriar dos respectivos conteúdos das áreas do conhecimento, a partir de um cenário real, **em que** transitam, pessoas, histórias, acontecimentos e iniciativas dialógicas, surgem também, sentimentos que envolvem alegrias e tristezas. São momentos em que a reflexão da variedade de diferenças existentes, começam a se evidenciar, em que se aprende e escolhe como agir em consenso, tendo em resposta os respectivos resultados destas ações e decisões planejadas, colocadas em prática e que serão refletidas no futuro, que aos poucos se delineará.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), citadas aqui no âmbito da Educação Infantil são ótimas para compreender as etapas que serão percorridas para que as crianças possam se familiarizar com a vida ao seu redor em cada fase deste percurso. O artigo IX das DCN trata das variedades de interações da criança com professores, com outras crianças, brinquedos, materiais, ambientes, instituições, familiares etc., possibilitando contato com culturas, formas, texturas, cores, tamanhos, espessuras, cheiros, lúdicode, iniciando ao acesso às diversidades envolvidas (MEC, 2010, p. 3).

Cada artigo das DCN apresentam valiosas contribuições, como em



relação ao relacionamento e interação entre as crianças durante as manifestações de músicas, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. Recursos estes, presentes nestes contextos que têm o potencial de aproximar as crianças, promovendo a interação, o relacionamento e experiências diversificadas sem prejuízo, gerando inclusões e evitando as exclusões desde tenra idade, principalmente nas faixas etárias em que é possível ofertar estas possibilidades com maior segurança, tanto para as crianças quanto aos familiares, contribuindo para formar futuramente pessoas mais conscientes, solidárias e inclusivas (MEC, 2010, p. 12).

É dentro deste convívio do ambiente escolar, no contexto das normas, legislações e regulamentos da área da educação, que o saber poderá ser edificado, construído aos poucos para contribuir nos processos de elucidação, reflexão e aprimoramentos, propagados também nas avaliações dos discentes, equipes da educação e familiares, investindo nos futuros profissionais e nas comunidades regionais, com consequente transformação benéfica do frágil intelecto presente nestas faixas etárias.

É nesta fase inicial da educação básica, que as crianças ainda não possuem condições interpretativas sobre os assuntos, mas absorvem as realidades, que as ações e posturas presentes ao seu redor, surgem como parâmetros que poderão se alicerçar para a vida inteira, sendo importante acompanhar o respectivo processo de desenvolvimento da criança, sua aprendizagem e descobertas' para compreender, identificar e com o auxílio de profissionais devidamente habilitados, perceber que tipo de pessoas estão sendo formadas para o futuro que as aguardam.

Para Pardal (2018, p. 2), o conhecimento se efetiva em inúmeras possibilidades ou até oportunidades de materialização e manifestação, resultados das escolhas da multiplicidade de saberes protagonizados por diversos agentes sociais, sendo portanto, uma representação transversal dos aspectos multidisciplinares envolvidos. Quanto mais cedo for possível iniciar a representação de processos de inclusão na vida, talvez menos pessoas precisarão vivenciar a exclusão para compreender o que ela significa, aprendendo preventivamente e de antemão os efeitos nocivos e até deprimentes que insuflam em várias pessoas que são acometidas por esta situação.

Considerando também que, dentro de um contexto específico, as atitudes sociais demonstram ser originadas em decorrência da diversidade dos múltiplos *modus operandi* que permeiam no pleno convívio da vida compartilhada em sociedade, pode-se concluir que, existam contribuições de todos os envolvidos, para mais ou para menos, como maneiras isoladas de perceber pontos de vista, na inserção da vontade e da conduta de quem participa destes processos, dificultando identificar no futuro as parcelas percentuais das respectivas contribuições efetivas diante das responsabilidades envolvidas.

Justifica-se a crescente necessidade do debate sobre as diferenças na escola, pela possibilidade da contribuição mediadora dos professores para compartilhar informações, gerando reflexões e orientações que se façam necessárias. É um ótimo momento para explicar sobre valores éticos, como



respeito e cidadania plena, sendo nestas circunstâncias da organização da sociedade que são criados padrões de conduta, desejáveis ou não, reproduzindo tais valores, mas intensificando por outro lado, ações de exclusão aos indivíduos que apresentam comportamentos que fogem ao padrão cultural atuante (Kamel; Pimenta, 2008, p. 21,22).

Algumas diferenças têm se apresentado cada vez mais acentuadas diante das representações destas realidades na vida social, desde as manifestações dos adeptos de grupos minoritários, até aos mais volumosos, gerando simpatias, neutralidades e até graves aversões, que podem se iniciar mediante posturas de intolerância, desrespeito, levando às ações de isolamentos, perseguições e até violências gaves, limitantes e/ou fatais, podendo destruir vidas ou de fato ceifá-las. Cavalcanti *et al* (2021, p. 27) consideram que cabe ao gestor a garantia da representatividade de equipes diversas, valorizando o respeito, não tolerando ações contrárias, buscando admissões que priorizem as diferenças, sem induzir a seleção de profissionais que tenham mais afinidades com os próprios contratantes.

Kishimoto (2010, p. 11) diz que a diversidade inclui a singularidade de cada criança, em que não é possível ofertar a mesma prática para todas, pois elas diferem entre si, ainda que apresentem algumas características comuns a seus grupos culturais. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), permite introduzir ações didático-pedagógicas extensivas, promovendo elucidação e acompanhamento sequencial da equipe escolar com segurança, responsabilidade e parâmetros adequados. Como também, colabora para apresentar ferramentas variadas para implantar abordagens interventivas, estruturadas e adequadas às diversidades, através do ambiente educacional, que está apto e preparado para estes diálogos, sendo necessário que docentes e familiares estejam atuando em conjunto no acompanhamento deste desenvolvimento.

3 Metodologia (s)

Os parâmetros metodológicos utilizados para a estruturação deste artigo, seleção dos materiais e conteúdos desejados, foi a revisão bibliográfica exploratória, qualitativa de pesquisas descritivas e explicativas, em consultas às bases de dados, priorizando àquelas com considerável credibilidade científica; devidamente evidenciadas as suas procedências e características no item reservado às referências bibliográficas, tais como bibliotecas virtuais de formatos eletrônicos de instituições de ensino; periódicos e revistas.

Como critérios de direcionamento das buscas foram utilizadas as palavras-chave: Diversidade; Direitos Humanos; Formação Docente; Inclusão e Exclusão, sem priorizar e delimitar os aspectos cronológicos de sua respectiva publicação, demonstrando indiretamente os percursos evolutivos dos estudos de interesses científicos, pesquisados e utilizados.

Também foram efetuadas análises documentais visando a avaliação dos



resumos das obras; qualidades dos métodos dos estudos; discussões, análises dos resultados e considerações finais, relacionando os documentos à situação-problema norteadora, seus objetivos, justificativas e respectiva fundamentação teórica.

Ressalta-se também, que houve a compilação dos resultados coletados e inserção de pesquisas adicionais que se fizeram necessárias para fortalecer as reflexões sobre as questões de diversidades de um modo geral, procurando basear-se em aspectos científicos ao invés de crenças e valores individuais. Todos estes estudos estão relacionados nas referências que foram selecionadas para este artigo, com o intuito de que os leitores possam ter acesso à produção de material correspondente para finalidades de aperfeiçoamentos, como também, para que possam ser utilizados na produção de materiais didático-pedagógicos para ações formativas futuras, colaborando em áreas multidisciplinares sobre o tema **diversidade**.

4 Resultados e Discussões

Pelo conteúdo das pesquisas percebe-se que o tema diversidade tem sido pauta recorrente de várias ações objetivando que a inclusão das diferenças possam ser mais compreensíveis, como também identificando argumentos facilitadores, proporcionando assim maior flexibilidade de convívio entre as partes nas aquisições práticas destas intervenções.

Com intuito de demonstrar uma exclusão, foi selecionada a pesquisa da UNESP (2012, p. 110) sobre aulas de Educação Física, em que algumas práticas corporais de exercícios físicos condicionantes super valorizavam os desempenhos, existindo um destaque acentuado direcionado às diferenças de habilidades e competências, contribuindo com esta postura para o afastamento de alunos considerados abaixo do limite do padrão estipulado, ou que começaram a se sentir **menos expressivos** e **menos habilidosos** devido a não alcançarem estes parâmetros, decidindo solicitar a permissão de seus docentes para **não** mais participarem das aulas, sentindo-se desmotivados pela falta de oportunidades e possibilidades de sucesso, como também por comportamentos excludentes por parte de seus pares, autoexclusão e exclusão.

À título de exemplificação no caso de utilização de inquéritos, Ferreira e Fumes, em pesquisa recente (2025) de seu doutorado, utilizaram as tecnologias como recursos de coleta de dados durante o período da pandemia da COVID-19 com o intuito de conseguir respostas necessárias às etapas dos embasamentos para seus estudos, demonstrando com maestria o quanto importante é o autodesenvolvimento constante dos docentes, ampliando visões, aproveitando oportunidades e estando sempre disponíveis aos aspectos presentes no contexto da sociedade, conhecendo suas nuances e se reinventando diante da ausência de habilidades para satisfazer à contento as necessidades existentes das não-conformidades apresentadas, demonstrando alguns vieses de diversidades envolvidos no processo formativo de docentes.



No Quadro 2 destacam-se alguns projetos que foram idealizados por educadores em diferentes instituições, com os objetivos de serem utilizados para demonstrar desafios, eficárias, semelhanças e diferenças envolvidas em temáticas comuns, apresentando como soluções aos problemas identificados o compartilhamento de conhecimentos, percepções, resultados e aperfeiçoamentos, podendo comparar sua evolução em períodos sequenciais pré-determinados, gerando portfólios avaliativos de aprendizagem para consultas e futuros modelos de utilização ou para novas ações. Estes materiais podem e devem ser utilizados para ações intervencionistas, como também como modelos para novas produções, adaptando-as às necessidades junto às equipes envolvidas, promovendo o acesso aos respectivos conhecimentos.

Quadro 2 – Projetos Formativos.

Neste Projeto os alunos, através da leitura de livros específicos, escolhidos por equipes pedagógicas, puderam discutir sobre as identidades, diferenças pessoais, desenvolvendo relações intra e interpessoal. Utilizando recursos educacionais criativos, compreenderam aspectos individuais, reconhecendo-os com respeito e vivenciando a inclusão com tranquilidade, podendo refletir sobre as questões depreciativas que se devem evitar.

Projeto do Colégio Benjamin Constant: “Somos todos diferentes, UNESCO”. Disponível em: <https://www.colegiobenjamin.com.br/somos-todos-diferentes>. Acesso em: 15 jan. 2025.

Docente da sala de Recursos Multifuncional idealizou projeto para o Ensino Fundamental I, objetivando demonstrar os direitos de igualdade em todas as áreas, inspirando acolhimento, aceitação das diferenças, onde a inclusão visa garantir a educação de qualidade, primando pela equidade universal.

Projeto da Escola Estadual Maria Corrêa Dias: “Somos diferentes”, Educação Especial. Disponível em: <https://www.cre1aquiriuaana.sed.ms.gov.br/projeto-somos-diferentes-na-e-e-maria-correa-dias/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

Utilizando leituras direcionadas para atividades da Educação Infantil, a equipe educacional desenvolveu atividades que pudessem intensificar as percepções da história escolhida, junto às crianças, relacionando os cuidados que devem existir no plantio de feijões, buscando condições e momentos mais favoráveis para realizar o plantio, facilitando e estimulando cuidados respectivos visando a qualidade das colheitas futuras. Buscou-se fazer uma comparação entre a vida de maneira geral e respectivos cuidados que se devem ter para garantir convivências pacíficas, benéficas, agregando respeito às diferenças, manutenção de cuidados necessários ao bem-estar individual e coletivo para que os resultados possam ser benéficos.

Projeto do Colégio Liceu Salesiano: “Somos todos diferentes”, livro O Regador Mágico. Disponível em: <https://liceu.com.br/somos-todos-diferentes-educacao-infantil/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

Alunos do Ensino Fundamental II participaram de oficinas de leitura e contação de histórias, utilizando técnicas integrativas e interdisciplinares para evidenciar e propor diálogos sobre o texto escolhido que abordou características que demonstram as diferenças que existem nas pessoas e na vida de modo geral, enfatizando a



importância da prática do respeito mútuo e compartilhamentos destas posturas inclusivas. O texto escolhido para a atividade faziam menção a uma sala de aula para facilitar a compreensão de contextos envolvidos.

Projeto do Liceu Plural: “Oficina Pedagógica”, texto: Era uma vez uma sala de aula. Disponível em: <https://liceu.com.br/unisal-e-liceu-parceria-na-educacao/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

Professores planejam momentos de reflexões por meio de diálogo para explicar sobre a diversidades na sociedade, o ser diferente, a importância de se conhecer; igualdade de oportunidades e escolhas, direcionando o conteúdo com amplitude para que os alunos possam se visualizar e refletir nas tratativas e abordagens. Implantando rodas de conversas por salas e turmas ou até mesmo coletivas sobre a diversidade; desenvolver estudos entre os/as professores/as e educadores/educadoras, com profissionais que realizam trabalhos sociais sobre racismo (contra negros, indígenas, ou outra etnia), homofobia, violência contra a criança e a mulher, bullying, intolerância religiosa, estatuto do deficiente e transtornos cognitivos; criar e instigar na criança o conceito de respeito ao diferente, reconhecendo-se como indivíduo com direitos e deveres na sociedade

Projeto no Site Gênero e Educação: “Ser diferente é legal e eu respeito”, diversidade na sociedade. Disponível em: <https://generoeducacao.org.br/mude-sua-escola-tipo/materiais-educativos/plano-de-aula/projeto-diversidade-ser-diferente-e-legal-e-eu-respeito/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

Com o objetivo de esclarecer e se proteger de abusos que podem ocorrer com as crianças em vários contextos, a escola pode colaborar para facilitar diálogos através de práticas pedagógicas sobre diversidade na sociedade, implicações em relação ao respeito e as diferenças. São elencados vários critérios para as atividades serem escolhidas, colocadas em prática, e neste caso pontual, existe uma dúvida se as iniciativas são de ordem preventiva ou posterior a algum acontecimento que possa ter ocorrido que desencadeou esta intervenção. O conteúdo que foi produzido para esta atividade demonstra possuir uma estrutura que foi bem analisada, é completa para uma ação inicial, tanto para os discentes, equipes educacionais e até para atividades com familiares e comunidade regional. Conhecer mais sobre as diferenças, passado o momento inicial ao primeiro acesso, gerando perguntas, dúvidas, ações reflexivas, dinâmicas, abordagens responsáveis em etapas sequenciais, que podem ocorrer em um semestre ou durante todo o calendário anual letivo, que remetem a uma inclusão responsável diante dos conhecimentos, amenizando aversões, receios, curiosidades, aumentando perguntas, assumindo com mais naturalidade o despertar deste processo de desenvolvimento. É um projeto de cunho contínuo e renovação para todos da escola, da direção até o grupo de apoio.

Projeto de Ensino da Creche UFG: “Somos todos diferentes...somos todos seres humanos”, iniciativa da chegada na creche de aluna da Educação Especial. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/223/o/PROJETO_DE_ENSINO_DIVERSIDADE_Realizado_no_1semestre.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.

Projeto que trabalha a inclusão através da literatura infantil, destacando as diferenças, dialogando sobre a exclusão, tipos de diferenças, promovendo estas e outras ações relacionadas no âmbito educacional, equipes, discentes, comunidade regional, a partir de abordagens que promovam o respeito, potencialidades e necessidades individuais. Utilizando a ludicidade para abordar as diversas realidades,



sensibilizar e percorrer as etapas sequenciais para que todas as turmas e séries possam vivenciar este processo de aprendizagem em passos sequenciais coordenados, monitorando resultados e aperfeiçoamentos.

Projeto Didático no site Construir Notícias: “Somos todos diferentes e iguais”, trabalhando a inclusão através da literatura infantil. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/projeto-somos-todos-diferentes-e-iguais/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

Fonte: Chile (2025).

A Agência Nacional de Saúde suplementar (ANS), produziu um pequeno guia, desenvolvido a partir da Resolução Administrativa nº 82, de 21 de março de 2023, que dispõe sobre a Política Integrada de Governança e Responsabilidade Socioambiental, sendo que na sigla, a letra “S”, de social, vai ao encontro da busca por um ambiente de trabalho que tenha como norte o respeito às diferenças, à inclusão social e diversidade, estimulando que a população seja multiplicadora de conceitos e atitudes resultando em um ambiente de respeito mútuo e inclusivo, conscientizando sobre estes assuntos, como também combatendo toda forma de discriminação.

No artigo IV da referida Resolução, item VII, menciona-se que a ANS (2023) deve promover a inclusão social com o foco na diversidade e coibir qualquer tipo de discriminação relacionadas ao gênero, raça, religião, bem como às demais formas de discriminação. Esta iniciativa, tão necessária mundialmente, tem surgido nos âmbitos internos e externos do Brasil, sendo primordial para agregar esforços para a consolidação de justiça amparada junto ao respeito dos Direitos Humanos, como força integrada, principalmente em relação aos quesitos relacionados à igualdade de gênero, inclusão e diversidade.

Saber ser e saber conviver com as diversidades e as diferenças são os grandes desafios de educadores que apostam na importância da prática educativa enquanto instrumento para a formação das futuras gerações. Gerações essas que compreendam o significado de cidadania e direitos humanos para além de um entendimento imediato, que não contempla, de fato, seus significados.

O texto propõe problematizar a importância da Educação em Direitos Humanos e Cidadania a partir da educação para as relações de gênero, sexualidade e diversidade sexual (Fachinetto *et al.*, 2018, p. 163,164).

Também para a ANS (2023), a inclusão é uma questão de mudança de perspectiva para uma mentalidade mais empática; de se importar com o outro, mesmo que seja diferente de você, aprendendo com profissionais de outras áreas e vivências, desfrutando e ampliando perspectivas. Não é somente combater toda e qualquer tipo de discriminação, mas dizer sim às diferenças, abordando práticas que estimulem a inclusão e a gestão das diversidades, com



a real necessidade da compreensão que reside no fato de promover a igualdade de oportunidades e justiça social; favorecer o aprendizado de diferentes públicos, ampliando a visão de mundo, fortalecendo a cultura, inspirando maior criatividade e inovação.

Conforme o Iº Seminário Nacional sobre Diversidade no Serviço Público, Saúde, Segurança e Qualidade de Vida no Trabalho, esclarecer sobre diversidades geram benefícios para grupos que costumam ser marginalizados e para toda a sociedade considera-se que **equipes mais diversas** possuem capacidades de apresentar resultados que satisfaçam necessidades de pessoas que, também sejam diversas (ENAP, 2018, p. 9).

Alguns estudos realizados por instituições corporativas e respectivos especialistas em suas áreas de atuação, como demonstrado pelo estudo da Harvard Business Review de autoria de Hewletts, Marshall e Sherbin (2013), evidenciam como as diversidades podem ser estudadas, analisadas e utilizadas para acrescentar diferenciais positivos nos diversos relacionamentos e interações presentes na vida, sendo que a maioria de seus gerentes aceitam a presença de uma força de trabalho diversificada e 1.800 profissionais participaram de 40 estudos de caso e entrevistas, sobre dois tipos de diversidades: **a inerente e a adquirida**, produzindo os seguintes resultados conforme o Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Resultados do estudo da Harvard Business Review.

A diversidade inerente envolve características com as quais você nasce, como gênero, etnia e orientação sexual. A diversidade adquirida envolve características que você ganha com a experiência: trabalhar em outro país pode ajudá-lo a apreciar as diferenças culturais, por exemplo, enquanto vender para consumidores do sexo feminino pode lhe dar inteligência de gênero. Nós nos referimos às empresas cujos líderes exibem pelo menos três características de diversidades inerentes e três adquiridas como tendo diversidade bidimensional.

Ao correlacionar a diversidade na liderança com os resultados do mercado, conforme relatado pelos entrevistados, aprendemos que empresas com diversidade 2D superam a inovação e o desempenho de outras. Os funcionários dessas empresas têm 45% mais probabilidade de relatar que a participação de mercado de sua empresa cresceu em relação ao ano anterior e 70% mais probabilidade de relatar que a empresa conquistou um novo mercado.

A diversidade 2D libera a inovação ao criar um ambiente em que ideias “inovadoras” são ouvidas. Quando as minorias formam uma massa crítica e os líderes valorizam as diferenças, todos os funcionários podem encontrar pessoas seniores que lutam por ideias convincentes e podem persuadir os responsáveis pelos orçamentos a empregar recursos para desenvolver essas ideias.

A maioria dos entrevistados (78%), trabalham em empresas que carecem de diversidade 2D na liderança. Sem uma liderança diversificada, as mulheres têm 20% menos probabilidade do que os homens brancos heterossexuais de obter apoio para suas ideias; pessoas de cor têm 24% menos probabilidade; e LGBTs têm 21% menos



probabilidade.

Isso custa às empresas oportunidades cruciais de mercado, porque colaboradores inerentemente diversos entendem as necessidades não atendidas em mercados subalavancados. Descobrimos que quando pelo menos um membro de uma equipe tem características em comum com o usuário final, toda a equipe entende melhor esse usuário. Uma equipe com um membro que compartilha a etnia de um cliente tem 152% mais probabilidade do que outra equipe de entender esse cliente.

A diversidade inerente, no entanto, é apenas metade da equação. Os líderes também precisam adquirir diversidade para estabelecer uma cultura na qual todos os funcionários se sintam à vontade para contribuir com ideias.

Descobrimos que seis comportamentos impulsionam a inovação em todos os setores: garantir que todos sejam ouvidos; tornar seguro propor novas ideias; dar autoridade para tomar decisões aos membros da equipe; compartilhar o crédito pelo sucesso; dar feedback prático e implementar o feedback da equipe. Líderes que dão a vozes diversas ao mesmo tempo de antena têm quase duas vezes mais chances do que outros de divulgar insights que geram valor, e funcionários em uma cultura de “falar abertamente” têm 3,5 vezes mais chances de contribuir com todo o seu potencial inovador.

Fonte: Chile (2025).

Atualmente existem várias pesquisas excelentes que explicam sobre as características inerentes às diversidades, conceituando; apresentando históricos sobre trajetória e assuntos relacionados; desafios; tendências; contribuições didáticas e pedagógicas; propostas de aprimoramentos formativos; ideias práticas e orientativas, entre outras possibilidades. Acredita-se e sugere-se que todos estes materiais sejam utilizados para intervenções interdisciplinares, estudos de caso; dinâmicas de grupo, ou mesmo ideias inovadoras, exatamente para agir colaborativamente nestas e outras possibilidades, visto as flexibilidades que as diferenças podem gerar.

No Quadro 4 - Recursos Educacionais Formativos foram disponibilizados alguns destes materiais, previamente selecionados resultantes de pesquisas com múltiplas autorias e objetivos, que foram introduzidas neste artigo para serem utilizados principalmente como recursos educacionais que possam facilitar a inclusão das diversidades, minimizando as exclusões, fortalecendo os 4 Pilares da Educação da UNESCO (2019): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser!

Quadro 4 – Recursos Educacionais Formativos.

FURLAN, Cássia Cristina et al. **Trilhas da Diversidade:** O brincar e as questões de gênero e sexualidade. Disponível em:

http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1495576647_ARQUIVO_FURLAN,C.C.et.al.TrilhasdaDiversidadeobrincareasquestoesdegeneroessel.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.



GOMES, Lucas Ferreira. **Equipe Multidisciplinar na Educação Básica: Reflexão sobre uma experiência.** Disponível em: http://www.sbmbrasil.org.br/enem2016/anais/pdf/4584_2270_ID.pdf.

KARPOWICZ, Débora Soares et al. **Diversidade e políticas públicas.** Disponível em: <https://www.caedjus.com/wp-content/uploads/2022/02/CONIPUB-2021-06-Diversidade-e-politicas-publicas-vol-2.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MEDEIROS, Ettore et al. **Comunicação, diversidade e inclusão:** diálogo entre academia e mercado. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2024/04/Comunicacao-diversidade-e-inclusao-Selo-PPGCOM-UFMG.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MENDES, Everaldo dos Santos et al. **Educação, diversidades e inclusão:** travessias pedagógicas e sociais em tempos de pandemia. <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/585186/2/Editora%20BAGAI%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Diversidades%20e%20Inclus%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Tornar a educação inclusiva.** Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184683>. Acesso em: 10 nov. 2024.

RODRIGUES, Marta de Oliveira. et al. **Práticas socioeducativas inclusivas:** conceitualizações e tendências de produção científica no campo da educação. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202450269265>. Acesso em: out. 2024.

FACHINETTO, Rochele Fellini et al. **Educação em Direitos Humanos.** Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/183493/001079303.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

LICHT, Flávia Boni; SILVEIRA, Núbia. **Celebrando a diversidade:** pessoas com deficiência. Disponível em: http://feapaesp.org.br/material_download/64_Celebrando%20a%20diversidade.pdf. Acesso em: 21 ago. 2024.

SANFELICE, Gustavo Roese.; BASSANI, Patricia Scherer. **Diversidade cultural e inclusão social.** Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/diversidade-cultural-e-inclusao-social>. Acesso em: 16 nov. 2024.

FERREIRA, Lúcia Gracia; SANTOS, Fábio Viana; FERRAZ, Roselane Duarte; SILVA, Mara A. Alves da. **Ensino, diversidade e formação docente.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 377p. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/formato/e-book/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; BRITO, Nicelma Josenila Costa; FERREIRA, Anne de Matos Souza; DIAS, Sinara Bernardo. **Educação básica e**



formação inicial de professores: a diversidade e os desafios contemporâneos.

Disponível

em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/601697/2/Editora%20BAGAI%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20e%20Forma%C3%A7%C3%A7%C3%A3o%20Inicial%20de%20Professores.pdf> Acesso em: 28 mar. 2025.

Fonte: Chile, (2025)

5 Considerações Finais

A partir destas e outras realidades, acredita-se que os primeiros passos para colaborar na promoção inclusiva das diversidades ocorram com maior segurança com ações pontuais no campo formativo da docência conceituando, informando e esclarecendo. E para que este objetivo seja possível, será necessário um mapeamento sobre as diferenças, inclusões e exclusões antes, durante e após as intervenções, em áreas de específicas, aplicando posteriormente soluções possíveis de serem testadas para sanar as situações-problema apresentadas através de um leque de possibilidades, tais como, fazendo uso de metodologias ativas de aprendizagem, tecnologias, palestras, dinâmicas de grupos, seminários, estudos de casos, projetos e treinamentos destinados inicialmente aos públicos das equipes educacionais, extensivos aos familiares, comunidades regionais, instituições corporativas e na sociedade como um todo.

No conjunto das considerações apresentadas como possíveis sugestões, seria muito interessante planejar, implantar e promover ações interdisciplinares, diversificando as áreas para aplicá-los, com as propostas que sejam comuns nestes locais, a partir da composição de grupos de trabalhos direcionados.

Nas pesquisas e manuais desenvolvidos para a área da educação, resultados de iniciativas de várias instituições e autorias, tendo como participantes equipes multidisciplinares envolvidas, esperam-se iniciativas de conscientização, atenuando as circunstâncias de intolerâncias, primando pelas convivências harmônicas e pacíficas, possibilitando ao educador continuar a desenvolver seu trabalho, tanto no aspecto educacional, quanto ético e moral no pleno exercício da cidadania de que todos têm direito.

Que a sociedade que será constituída no futuro seja o resultado das intervenções individuais e coletivas, observando-se as contribuições diárias fornecidas através das interações, como também de cientistas, simpatizantes, teóricos e profissionais de múltiplas áreas, em que as diferenças possam apresentar graus diversos de saberes e técnicas de cada pessoa, como consequência da interrelação existencial da vida. A construção acontece com inúmeras iniciativas, sendo que as sensibilidades envolvidas têm produzido



aprendizagem sequencial e colaborativa, reconhecendo, não somente direitos, mas também deveres, onde a somatória destas vivências individuais, somadas poderão gerar a conquista da compreensão que a mútua convivência empática poderá desenvolver em meio ao processo inclusivo, tanto das semelhanças, mas principalmente das diversidades.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR (ANS). Secretaria Executiva. **Guia ANS de Diversidade e Inclusão.** Rio de Janeiro: ANS, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/ans/pt-br/assuntos/noticias/sobre-ans/ans-lanca-publicacao-sobre-diversidade-e-inclusao/copy_of_GuiaANSdediversidadeincluso.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.
- AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR (ANS). **Painel de governança e sustentabilidade da ANS.** Rio de Janeiro: ANS, set. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/ans/pt-br/acesso-a-informacao/transparencia-e-prestacao-de-contas/planos-de-gestao-de-logistica-sustentavel_. Acesso em: 24 ago. 2024.
- CAIXETA, Izabella. **Entenda a diferença entre racismo estrutural e racismo institucional.** Correio Brasiliense, Brasília, 2 agosto 2022. **Apud** Guia ANS de Diversidade e Inclusão [recurso eletrônico] / Agência Nacional de Saúde Suplementar (Brasil). - Rio de Janeiro: ANS, 2023. Disponível em: <https://www.correobraziliense.com.br/brasil/2022/08/5026266-entenda-a-diferenca-entre-racismo-institucional-e-racismo-estrutural.html>. Seminário relacionado Racismo Institucional: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N64OnPqVIj4>. Acesso em: 24 ago. 2024.
- CAMARGOS, Isabela Sofia de.; MUNIZ, Luciano Borges. **Inclusão, Diversidade e as questões étnico raciais em sala de aula.** Revista Acadêmica Pensar Além, 2021. Disponível em: <https://periodicos.faculdadefamart.edu.br/index.php/revistapensaralem/article/view/35>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- CAVALCANTI, Flávio; GONÇALVES, Gabriela; AROUCA, Mírian; PAIVA, Mônica; MONTEIRO, Renata. **Diversidade e Inclusão:** o desafio de trabalhar o viés inconsciente dos líderes. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2021. 64 p. Disponível em: <https://www.crie.ufrj.br/assets/Centro-de-estudos/1-DIVERSIDADE.pdf>. Acesso em 25 jul. 2024.
- COELHO, Wilma de Nazaré Baía; BRITO, Nicelma Josenila Costa; FERREIRA, Anne de Matos Souza; DIAS, Sinara Bernardo. **Educação básica e formação inicial de professores:** a diversidade e os desafios contemporâneos [livro eletrônico] 1. ed. – Curitiba-PR, Editora Bagai, 2021. E-Book. Disponível em:



<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/601697/2/Editora%20BAGAI%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20e%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20Inicial%20de%20Professores.pdf> Acesso em: 28 mar. 2025.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (ENAP). Documento guia do Iº Seminário Nacional Diversidade no Serviço Público: Saúde, segurança e qualidade de vida no trabalho. Brasília: ago. 2018. 37 p. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/jspui/handle/1/3494>. Acesso em: 24 ago. 2024.

FACHINETTO, Rochele Fellini; SEFFNER, Fernando; SANTOS, Renan Bulsing dos. **Educação em Direitos Humanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/SEAD, 2018. 2a. ed., 254 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/183493/001079303.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

FERREIRA, Lúcia Gracia; SANTOS, Fábio Viana; FERRAZ, Roselane Duarte; SILVA, Mara A. Alves da. **Ensino, diversidade e formação docente**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 377p. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/formato/e-book/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

FERREIRA, Raíssa Matos; FUMES, Neiza. de Lourdes Frederico. **Significações da coordenação de curso sobre o processo formativo de professores em Educação Especial**. Revista Educação Especial, [S. I.], v. 38, n. 1, p. e 2/1-23, 2025. DOI: 10.5902/1984686X87690. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/87690>. Acesso em: 14 jan. 2025.

FERREIRA, Windyz Brazão. **Educação Inclusiva. Será que sou contra ou a favor de uma escola de qualidade para todos?** Inclusão. Revista de Educação Especial. Outubro 2005. Pp. 40-46. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revista_inclusao1.pdf. Acesso em: 25 mar. 2025.

FERREIRA, Windyz Brazão. **O conceito de diversidade na BNCC**: Relações de poder e interesses ocultos. Retratos da Escola, [S. I.], v. 9, n. 17, 2016. DOI: 10.22420/rde.v9i17.582. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/582>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FURLAN, Cássia Cristina; MAIO, Eliane Rose; SANTOS, Tatiane Siqueira dos. **Trilhas da Diversidade**: O brincar e as questões de gênero e sexualidade. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1495576647_ARQ



UIVO_FURLAN,C.C.et.al.TrilhasdaDiversidadeobrincareasquestoesdegenerosexualidade.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.

GOMES, Lucas Ferreira. **Equipe Multidisciplinar na Educação Básica:** Reflexão sobre uma experiência. XII Encontro Nacional de Educação Matemática, São Paulo, 2016. Disponível em: http://www.sbmembrazil.org.br/enem2016/anais/pdf/4584_2270_ID.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.

HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 1997.

HEWLETT, Sylvia Ann.; MARSCHALL, Melinda; SHERBIN, Laura. **How diversity can drive innovation.** EUA: Harvard Business Review, 2013. Disponível em: <https://hbr.org/2013/12/how-diversity-can-drive-innovation>. Acesso em: 21 ago. 2024.

KAMEL, Luciana.; PIMENTA, Cristina. **Cartilha Diversidade sexual nas escolas:** o que os profissionais de educação precisam saber. Rio de Janeiro, ABIA, 2008. Disponível em: http://www.abiaids.org.br/_img/media/Cartilha_Diversidade_sexual_Escolas.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

KARPOWICZ, Débora Soares; RABELLO, Elaine Teixeira; CARVALHO, Jucineide Lessa de; SILVA, Rogerio Borba da. **Diversidade e políticas públicas.** Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2021. v. 2; 376 p. Disponível em: <https://www.caedjus.com/wp-content/uploads/2022/02/CONIPUB-2021-06-Diversidade-e-politicas-publicas-vol-2.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil do Brasil.** Cadernos de Educação de Infância, n. 90 p. 4-7, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-mochida/file>. Acesso em: 25 mar. 2025.

LICHT, Flávia Boni; SILVEIRA, Núbia. **Celebrando a diversidade:** pessoas com deficiência e direito à inclusão. São Paulo, 2010. Disponível em: http://feapaesp.org.br/material_download/64_Celebrando%20a%20diversidade.pdf. Acesso em: 21 ago. 2024.

MEDEIROS, Ettore.; LINS, Letícia.; SILVA, Pâmela Guimarães. **Comunicação, diversidade e inclusão** [livro eletrônico]: diálogo entre academia e mercado. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2024. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2024/04/Comunicacao-diversidade-e-inclusao-Selo-PPGCOM-UFMG.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MENDES, Everaldo dos Santos; SANTOS, Adevanucia Nere; FERNANDES, Stela Santos. **Educação, diversidades e inclusão:** travessias pedagógicas e



sociais em tempos de pandemia [recurso eletrônico] / [org.] Curitiba: Bagai, 2020, 1^a ed. Recurso digital. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/585186/2/Editora%20BAGAI%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Diversidades%20e%20Inclus%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010.** Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 01 nov. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Manual para garantir inclusão e equidade na educação.** Brasília: 2019, 47 p., Disponível em: <https://prceu.usp.br/wp-content/uploads/2020/10/2019-Manual-para-garantir-a-inclusao-e-equidade-na-educacao.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Tornar a educação inclusiva.** Organizado por Osmar Fávero, Windyz Ferreira, Timothy Ireland e Débora Barreiros. Brasília: UNESCO, 2009. 220 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184683>. Acesso em: 10 nov. 2024.

OXFAM. Breaking the cycle of poverty: education now! OXFAM, 1999.

PARDAL, Rute Marchante. **De pequenino se torce o pepino:** Um Projeto de Educação para a Inclusão; com Vídeo livro. Disponível em: https://www.bib.uevora.pt/utilizar_bibliotecas/Actividades-de-extensao-cultural/Outras-actividades/Educacao-para-a-inclusao-de-pequenino-se-torce-o-pepino. Acesso em: 25 jul. 2024.

RODRIGUES, Marta de Oliveira.; SILVA, Sofia Marques da; LOUREIRO, Armando. **Práticas socioeducativas inclusivas:** conceitualizações e tendências de produção científica no campo da educação. São Paulo: Educ. Pesq., v.5, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202450269265>. Acesso em: out. 2024.

SANFELICE, Gustavo Roese.; BASSANI, Patricia Scherer. **Diversidade cultural e inclusão social.** [recurso eletrônico]. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2020. 102 p. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/diversidade-cultural-e-inclusao-social>. Acesso em: 16 nov. 2024.



SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e Diferença: a perspectivas dos estudos culturais.** Petrópolis, Vozes: 2000.

SOUZA, Fernando José Pires de; PLAISANCE, Éric; PIRES, Iêda Maria Maia.

Inclusão social e diversidade na educação: desafios do mundo atual [Recurso eletrônico] / Revisão de Fernando J. Pires de Sousa e Éric Plaisance - Cajazeiras/PB: Edições AINPGP, 2023. 476 p.

SOUZA, Rosana Ramos. **Educação e Diversidade: Interfaces e Desafios na Formação de Professores para a Escola de Tempo Integral.** Santarém:

2015, 127 p. Disponível em:

https://www.ufopa.edu.br/ppge/images/dissertacoes/turma_2014/rosana_ramos_de_souza.pdf. Acesso em: 14 nov. 2024.

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO (12. Região). **Acessibilidade e inclusão:** caminhos para uma sociedade justa e solidária. Santa Catarina.

Disponível em: <https://portal.trt12.jus.br/sites/default/files/2021-03/Cartilha.pdf>. Acesso em 24 ago. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP). **Caderno de Formação:** formação de professores didática dos conteúdos. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. 6; 176 p. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381290/1/caderno-formacao-pedagogia_16.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

Recebido em: 31 de janeiro de 2025.

Aceito em: 14 de maio de 2025.

Publicado em: 25 de junho de 2025.

